

## INFÂNCIA, NATUREZA E METALINGUAGEM EM POEMA DE MANOEL DE BARROS

Francy Izabelly Oliveira Macedo<sup>1</sup>

POSLE/UFCG

José Hélder Pinheiro Alves<sup>2</sup>

UFCG

### RESUMO

A recordação, enquanto particularidade da poesia lírica, se revela, na lírica de Manoel de Barros, poeta brasileiro contemporâneo, por meio de temas ligados ao universo infantil, buscando, por meio de uma linguagem peculiar, revelar a memória de um tempo em que homem e natureza ainda conviviam em equilíbrio. Nesse sentido, propomos, nesse artigo, realizar uma análise acerca do poema 1, do livro *Menino do Mato* do referido poeta, à luz de teorias acerca da poesia lírica, discutindo, sobretudo, a relação existente entre os temas infância, natureza e metalinguagem presentes no texto. Em seguida, sugerimos propostas de trabalho com esse poema, em sala de aula no ensino fundamental II, levando em consideração, além da apreciação da poesia, o estudo das estratégias de leitura visualização e conexão, tendo em vista a formação de leitores conscientes acerca de seu processo de leitura. Desse modo, nosso artigo se fundamenta nas considerações de Cosson (2014), que discorre acerca do letramento literário; Girotto e Sousa (2010), que tratam sobre as estratégias de leitura e Pinheiro (2007), que propõe algumas metodologias para o trabalho com a poesia em sala de aula. Além desses, nossas reflexões em torno da poesia lírica se fundamentam em Bosi (2000), Candido (2002), Cohen (1974) e Staiger (1975).

**Palavras-chave:** Metalinguagem. Infância. Recordação.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós - Graduação em Linguagem e Ensino. E-mail: francy\_izabelly@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador. Professor Associado II da Universidade Federal de Campina Grande.

## INTRODUÇÃO

Um olhar, ainda que rápido, sobre revistas acadêmicas, catálogos de teses e dissertações revela que a poesia lírica é um gênero pouco estudado, se comparado, por exemplo, à narrativa.

Conforme nos aponta Bosi (2000), a poesia lírica tem perdido espaço desde a revolução industrial e ascensão do capitalismo, pelo fato de tal gênero artístico não se deixar embeber pela ideologia dominante, por infringir os mecanismos de compra e venda impostos pela indústria cultural.

Assim, o referido autor, ao discutir as três formas de resistência da poesia moderna (a poesia mítica, a poesia da natureza, a poesia de confissão e a poesia da utopia), chama a atenção para o viés metalinguístico, em que a poesia é o tema central da composição poética: "A poesia, reprimida, enxotada, avulsa de qualquer contexto, fecha-se em um autismo altivo"; e só pensa em si" [...]. (BOSI, 2000, p. 166).

Em Manoel de Barros, poeta contemporâneo, essa poesia de resistência surge através do poema-metalinguagem, da poesia que retrata a natureza e a infância. A linguagem, que dá forma a estes níveis de resistência, pauta-se no uso inabitual das palavras, recriadas para, aos moldes do artista, "desdizer o mundo". Tal experiência poética torna-se evidente na obra *Menino do Mato*, da qual extraímos um poema para análise nesse trabalho à luz das considerações apontadas por Bosi (2000), Cohen (1974), Staiger (1975) e Jakobson (1978) acerca da natureza da poesia lírica.

Nossa análise levará em consideração as temáticas presentes no poema, quais sejam: infância, natureza e metalinguagem, estabelecendo as relações teóricas pertinentes a cada tema identificado no poema.

**"TRAQUINAGEM DA IMAGINAÇÃO"**

A íntima relação da arte com a vida tem sido refletida e referenciada nos estudos literários, sobretudo, quando se estabelece uma ligação entre a obra e seu contexto de produção. Por isso, é relevante destacarmos que o poema que iremos analisar apresenta relação com o tempo em que se insere, evidente no poema através dos elementos estéticos presentes, não apenas no que se refere a forma - versos livres e sem rima -, mas, sobretudo, pela junção de três dos grandes temas presentes na poesia contemporânea: a metapoesia, a infância e a memória.

Nesse sentido, a recordação, enquanto movimento motivador do poeta, entra em cena, revelando o que está no inconsciente e emerge em forma de memória, trazendo à tona o tema da infância, da natureza, mas também da experiência poética que surge na infância pela capacidade das crianças de criar a sua própria linguagem.

Esses temas destacados acima aparecem com ênfase na obra *Menino do mato* do poeta Manoel de Barros. O livro que é dividido em duas partes ("Menino do mato" e "Caderno de aprendiz") apresenta cinco poemas na primeira parte e trinta e cinco poemas na segunda. Todos os poemas fazem referência a experiências ou memórias da infância, cuja relação com a natureza surge como motivação principal para o fazer poético, sobretudo, no que se refere à construção de uma linguagem peculiar, destoante, que busca, sobretudo, na impertinência semântica e predicativa a construção de imagens que, nas palavras do poeta, são modos de "transver o mundo", ao renomear as coisas a partir dos sentidos (tato, olfato, visão, audição) e não apenas com palavras: "Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em um lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. O menino e o rio. O menino e as árvores". (BARROS, 2010 - Orelha do livro).

Assim, o poema abaixo, extraído da referida obra, constitui um exemplo dessa relação entre menino (personificação do eu lírico) e natureza, que ressurgiu por meio da memória de uma experiência vivida,

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem tem joelhos ajoelháveis e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem da sua imaginação.

O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes.

O Pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra.

Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras.

Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore.

Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência.

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia. (BARROS, 2010, p. 9-10)

O poema é composto por trinta e dois versos livres. Nos chama a atenção a linguagem utilizada pelo poeta na composição do texto. Linguagem esta que é, conforme nos aponta Cohen (1974), uma transformação da linguagem comum.

Já no primeiro verso - “Eu queria usar palavras de ave para escrever”- verificamos o que Cohen (1974) chama de impertinência semântica, visto que palavras de campos semânticos diferentes são aproximadas, estabelecendo função gramatical uma sobre a outra.

Ao substantivo “palavra” é adicionado uma locução adjetiva, composta pela preposição e pelo substantivo “ave”. Ora, “ave”, substantivo comum, designa a classe dos animais que possuem asas, e por isso, em sua maioria, podem voar. Enquanto “palavra” é também um substantivo comum, mas que indica as unidades linguísticas dotadas de significado. Portanto, estamos diante de palavras pertencentes a campos semânticos muito distintos.

Essa mesma relação de impertinência semântica ocorre em outros versos do poema, como nos pares de palavras: *lugar/ imensamente* (verso 2); *traquinagem/ da sua imaginação* (verso 10); *tinha no olhar/ um silêncio de chão* (verso 11); *solidão/ de uma pedra* (versos 16 e 17), entre outros.

O uso do referido procedimento, em um primeiro momento, pode causar estranheza ao leitor, levando-o a refletir acerca dessa linguagem. Para Cohen (1974), o objetivo do poeta é causar, com isso, uma "metamorfose mental" no leitor, visto que o caos estabelecido pela linguagem poética mimetiza o próprio caos interior do sujeito, o que contribui para estabelecer o seu próprio equilíbrio, a partir do momento em que torna-se possível compreender a si mesmo durante o processo de leitura e recepção do texto poético. Assim, a desautomatização do sujeito leitor, frente a (des)ordem estabelecida pela linguagem poética é consequência da reorganização de seu mundo interior.

Ainda sobre os efeitos estéticos da linguagem poética, nesse poema de Manoel de Barros, há, no verso “Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!”, o que o

estudioso citado chama de impertinência predicativa, que consiste na aproximação gramatical de predicado e de sujeito, sendo ambos de campos semânticos distintos.

Conforme notamos no verso acima, há uma formiga ajoelha na pedra. Mas, todos sabem que formiga não pode ajoelhar, visto que não possui estrutura óssea alguma, nem tão pouco está ligada a religiões.

Portanto, a impertinência se dá no nível predicativo, pois a relação semântica que deve existir entre sujeito e predicado foi desfeita. Essa característica da linguagem poética, presente na poesia de Manoel de Barros, difere daquilo que chamamos metáfora. Pois, na metáfora há uma redução do desvio, tornando possível um retorno à norma padrão, como em: “Ele tem visão de águia”, ou seja, ele é perspicaz, ele tem visão ampla das coisas, etc..

Não há, no entanto, como estabelecer esse retorno à norma quando trata-se de impertinência. O que não significa dizer que a compreensão de uma impertinência é impossível. No primeiro verso destacado do poema, ao anunciar que gostaria de ter palavras de ave, o eu lírico anuncia o desejo de dar liberdade às palavras, recriando novas formas de dizer o mundo ou de ver o mundo sob uma ótica diferente daquela imposta pelo pragmatismo das palavras fixadas em seus sentidos literais.

Dar liberdade as palavras é libertar-se dando vazão ao sonho, a fantasia, ao onírico. É libertar-se das amarras das ideologias dominantes, num tempo em que tudo tem nome, tem preço, mas não tem valor. Nas palavras de Bosi (2000):

A poesia da natureza não traz em si qualquer sinal de retorno à pura animalidade (esse retorno ronda, aliciante, os planos do lazer burguês); a poesia da natureza é saudade, mais libertação. “O que ameaça a práxis dominante e as suas alternativas inelutáveis não é, por certo, a natureza, com a qual ela, antes, coincide, mas o fato de que a natureza seja recordada. (BOSI, 2000, p. 179).

Assim, a impertinência poética no poema I de Manoel de Barros, revela a resistência da poesia, por meio de uma linguagem diferenciada, o que leva Cohen (1978) a conceituar o poema como sendo “aquela “alquimia do verbo” de que falava

Rimbaud, pela qual se juntam na frase termos incompatíveis segundo as normas usuais de linguagem” (p. 79).

Destaque-se, ainda, no que se refere à linguagem do poema, mais especificamente os verbos, podemos notar que o tempo verbal predominante é o pretérito, embora o tom do poema esteja sempre no presente. Sobre a categoria tempo verbal na poesia lírica, Staiger (1975) faz a seguinte observação:

O presente domina de tal modo que seria supérfluo citar exemplos. Aproveitamos mais observando que o pretérito tem também um sentido diferente do pretérito épico. [...]. O passado que procuram trazer não está longe nem terminou. Não delineado totalmente nem compreendido em sua totalidade, movimenta-se ainda e comove o poeta e a nós [...]. O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro de recordação. (STAIGER, 1975, p. 54-55).<sup>3</sup>

Praticamente todos os verbos dispostos no poema estão no pretérito imperfeito: “queria usar” (v. 1), “brincava” (v. 6), “tinha” (v. 11), “achava”(v. 13), “via” (v. 15), “criavam” (v. 18), “aprendia” (v. 26), “gostava” (v. 29), “sabia” (v. 31). E todos esses verbos se relacionam a ações realizadas no passado que retoma a infância do eu lírico. O imperfeito, no entanto, demonstra que a ação realizada no passado apresenta um efeito não pontual, o que significa que essa ação se repetia e se estendia a longo do tempo.

Ao refletir uma experiência vivenciada no passado, o poema revela a recordação da infância, como recortes do passado. As ações não são lineares, nem estão ligadas umas com as outras. O poeta apresenta as suas recordações como quem observa imagens, fotografias de um tempo vivido.

---

<sup>3</sup> De acordo com as considerações de Staiger (1975), etimologicamente, o termo recordar significa trazer de volta para o coração. Assim, a recordação, em termos de poesia lírica, remete-se a uma reação de afetividade, em que o leitor e o texto, em disposição anímica, tornam-se um no outro. Portanto, a recordação não é apenas ingressar no mundo do sujeito.

Assim, o ato de recordar o passado leva o eu lírico a sensibilizar o leitor, por possibilitar o diálogo das experiências vividas entre leitor e autor, contribuindo para que haja disposição anímica com o texto. Sendo a recordação, no poema tratado, referente à infância, essa disposição anímica<sup>4</sup> aflora de modo particular para cada sujeito, a partir das experiências de vida de cada um, mas, ao mesmo tempo, o fato de ser a infância um momento de descoberta, de aprendizado, de sonho, de brincadeira, de imaginação, torna tal experiência comum a todos. Por esse motivo, o tema da infância sempre comove.

A infância, sendo a primeira fase da vida, está associada ao início de tudo, ao momento em que o homem ainda estava preso à sua família, à sua comunidade. Por isso, tal temática está embebida de afetividade. Desprendida da ideologia dominante, a infância permite ao homem o encontro com a natureza outrora perdida e com o universo do sonho e da imaginação que está associado ao mito, conforme nos aponta Bosi (2000):

A resposta ao ingrato presente é, na poesia mítica, a ressacralização da memória mais profunda da comunidade. E quando a mitologia de base tradicional falha, ou de algum modo já não entra nesse projeto de recusa, é sempre possível sondar e remexer as camadas da psique individual. A poesia trabalhará, então, a linguagem da infância recalcada, a metáfora do desejo, o texto do Inconsciente, a grafia do sonho. (BOSI, 2000, p. 174).

No poema, a presença da comunidade é evocada na menção a “Mãe” e ao “Pai” - termos que, por sinal, são escritos com letras maiúsculas. Não somente são mencionados, os pais ganham voz dentro do texto poético, participando de sua construção, como constata os versos:

---

<sup>4</sup>A disposição anímica, categoria da poesia lírica discutida por Staiger (1974, p. 59), no que se refere à recepção do texto, trata-se de uma disposição afetiva do leitor frente ao texto poético apreciado, em que o objeto passa a encontrar-se dentro do sujeito e o sujeito nele.



A Mãe que ouvira a brincadeira falou:  
Já vem você com suas visões!  
Porque formigas nem tem joelhos ajoelháveis  
e nem há pedras de sacristias por aqui. (BARROS, 2010, p. 9).

Em outra passagem, encontramos, por meio do discurso indireto, a "pensamento" do pai acerca da materialização da linguagem do eu lírico: "O Pai achava que a gente queria desver o mundo / para encontrar nas palavras novas coisas de ver" [...].

No primeiro exemplo, o discurso direto é introduzido no poema, fazendo a fala da mãe, enquanto o segundo exemplo é a fala do pai apresentada por meio do discurso indireto. Destaquemos, ainda, que a função dos pais não era propriamente coercitiva e pedagogizante, no sentido de coibir as "traquinagens" do menino. Por outro lado, a presença dos discursos dessas "personagens", demonstra a importância deles naquilo que é recordado. Os pais, enquanto iniciadores do grupo familiar, marcam a base da comunidade e a sua perpetuação.

O retorno à primeira comunidade e à família, exposto no poema, é acompanhada da relação entre comunidade e lugar fixo. Esta relação não mais se estabelece na contemporaneidade, em que a comunidade tende a não mais se estabelecer como um lugar comum.

A comunidade na contemporaneidade é definida como um agrupamento de indivíduos com os mesmos preceitos ideológicos. Estes, não precisam compartilhar do mesmo espaço físico (Hall, 2002).

Todavia, o retorno a sua comunidade de origem leva o homem ao reencontro com o espaço físico, com a terra, com a natureza, reestabelecendo assim, por meio da recordação, o equilíbrio outrora estabelecido.

No poema, esse reencontro com a natureza é bastante visível na descrição do "lugar imensamente e sem nomeação" (V. 2), em que se descobre a "formiga ajoelhada na pedra" (v. 5), o "sapo com olhar de árvore" (v. 21), em que se pode escutar "a voz das águas e dos caracóis"(v. 27, 28).

A personificação da água e dos caracóis alude a um sentimento de equilíbrio entre menino e natureza. Ao dar característica humana a um ser inanimado, o eu lírico torna aquele igual a si, ou do contrário se iguala à natureza da qual um dia fez parte. Nas palavras de Bosi (2000):

[...] Re(cor)dar a natureza, socializando-a no mesmo passo em que o homem se naturaliza. [...]. A consciência que volta, respeitosa e atenta, para o que não é ainda consciência – a pedra, a planta, o bicho, a infância – está prestes a cumprir a síntese entranhadamente poética de sujeito e objeto que se chama conceito concreto. (BOSI, 2000, p. 179).

Ao recordar a natureza, o eu lírico confronta o equilíbrio encontrado nessa recordação com o pragmatismo presente na sociedade, revestida da ideologia dominante, que se baseia na lógica de mercado. Assim, a poesia do sonho, do mito ou da infância torna-se ameaçadora, bem como reflete Bosi (2000, p. 179): “O que ameaça a práxis dominante e as suas alternativas inelutáveis não é, por certo, a natureza, com a qual ela, antes, coincide, mas o fato de que a natureza seja recordada.”

Recordar é ameaçador porque leva o indivíduo a retornar ao tempo primitivo em que o homem nomeava as coisas, ao invés de ser nomeado pela lógica do mercado, antes de ser furtada a vontade mitológica do homem de compreender a natureza e os seus iguais. Recordar é retomar a consciência de que:

As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status. (BOSI, 2000, p. 164).

Todavia, elevando o tema da infância e da natureza no poema, o eu lírico retoma o poder de nomear outrora perdido, na forma de um desejo adormecido, mas

vivo, que revela na recordação da ação de querer usar palavras de ave ou no gesto de brincar com palavras, conforme os versos abaixo demonstram:

Eu queria usar palavras de ave para escrever.  
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.  
Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!  
A Mãe que ouvira a brincadeira falou:  
[...]Isso é traquinagem da sua imaginação. (BARROS, 2010, p. 9).

Brincar com palavras é um gesto de autonomia sobre si e sobre o seu discurso. Brinca com palavras quem sabe dar e ver novos sentidos nas coisas. O gesto de brincar com palavras em um lugar "imensamente" e "sem nomeação" indica a existência de um espaço intocado pela ideologia de mercado, livre do pragmatismo humano. Livre, portanto, da "ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido as coisas" (BOSI, 2000, p. 164).

Assim, esse espaço descrito no poema torna-se o lugar mítico, retorno ao tempo em que é dado ao homem o poder de nomear. No poema, é do eu lírico (aqui simbolizado pelo menino) a função de dar nome as coisas, reconhecendo-as e ressignificando-as. "Esse poder é fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia" (BOSI, 2000, .p. 163).

A inexistência de uma ideologia mecanicista se faz presente também no ato de, ao tentar "corrigir" o menino, utilizar palavras em sentido figurado: "Isso é traquinagem da sua imaginação." Ora, ao tentar educar o menino, a mãe, embebida no universo inominável em que se encontra, também brinca com as palavras. Na presente passagem há mais um exemplo de impertinência semântica.

Notemos aqui a reflexão tecida em torno da linguagem poética enquanto instrumento através do qual se pode dizer o mundo. Nesse aspecto, destacamos outra temática presente no poema: a metalinguagem.

**DEBRUÇADA SOBRE SI: A METALINGUAGEM POÉTICA.**

O tema da metalinguagem se faz presente em todo o poema, entrelaçado aos temas da infância e da natureza. O eu lírico, ao afirmar “Eu queria usar palavras de ave para escrever”, propõe uma reflexão sobre a linguagem poética, a qual deve ser livre para “desdizer” o mundo.

Nos versos “Ali a gente brincava de brincar com palavras”, há uma reflexão em torno do fazer poético enquanto experiência vivenciada na infância de forma autônoma. O fazer poética era, por assim dizer, um experimento associado a elementos concretos da natureza. Por isso, a imagem se faz presente: “O menino tinha no olhar um silêncio de chão/ e na sua voz uma candura de Fontes”.

Ora, o aguçar da sensibilidade se dava por meio da observação livre e minuciosa do que se tinha à volta, sensibilidade capaz de parar e ouvir o que a natureza revelava. Assim, o eu lírico revela o cantar do menino cândido como as fontes, cândido porque puro, puro como as águas das nascentes.

O eu lírico ("menino") era capaz de sentir a poesia que emanava da natureza porque trazia em si somente o desejo da descoberta. Trazer no olhar um silêncio de chão é silenciar para ouvir os sons, sentir as imagens e os cheiros que a natureza disponibiliza.

O que se revela nesses versos acima é o recordar de uma experiência poética concreta: aquela que acontece a partir da tomada de “consciência que volta respeitosa e atenta ao que ainda não é consciência: o rio, o chão, a árvore, o sapo, a pedra.” (BOSI, 2000, p. 179).

A metalinguagem no poema retorno de modo mais direto nos últimos versos do poema:

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam  
o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos  
enriquecem a poesia. (BARROS, 2010, p. 10).

Nesses versos, percebemos a conclusão da experiência recordada e a síntese do que seria poesia na concepção do eu lírico: aquilo que perturba o sentido normal das ideias, aquilo que é destoante, que rompe com a lógica imposta pela sociedade. É nesse sentido que Bosi (2000) afirma acerca da resistência da poesia:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drumond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelos descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. (BOSI, 2000, p. 169).

A poesia resiste porque persiste no seu valor maior que é recriar o mundo, convertendo a linguagem opressora que ele nos oferece, em linguagem cheia de vida e de re(cor)dação. Tal linguagem nos causa estranhamento porque estamos por demais embebidos no universo pragmático do sistema político, social e econômico em que vivemos. A poesia, ao contrário do automatismo com que vivemos e estabelecemos nossas relações, é reconciliadora, porque nos leva de volta para dentro de nosso próprio ser, retomando da nossa memória, em forma de recordação, o sujeito autônomo que somos em nossa experiência individual de ser humano. Por isso, a poesia se faz imprescindível na sala de aula, sobretudo, com jovens em processo de formação leitora.

### UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Os temas presentes no poema analisado podem favorecer a aproximação entre texto e leitores de variadas idades, de modo especial, aqueles que compartilham vivências próximas das apresentadas no poema de Manuel de Barros.

Nesse sentido, pensamos em uma proposta de leitura do referido texto em sala de aula da EJA, por considerar que essa modalidade de ensino é direcionada a um público que, possivelmente, viveu experiências semelhantes às indicadas no texto poético analisa, visto que uma parte considerável do público que compõe a EJA, nas cidades interioranas do nosso estado ( Paraíba), é composta por jovens que vivem ou conviveram na zona rural de suas cidades.

Tal afirmação se comprova por meio de conversas com professores que atuam nessa modalidade de ensino, como também através de nossa própria experiência com a Educação de Jovens e Adultos, no município de Barra de Santana/PB, entre 2013 e 2014.

Assim, tendo em vista as especificidades desse público, propomos como metodologia de trabalho oficinas de leitura literária, por privilegiarem a discussão dialogada do texto e o protagonismo dos sujeitos envolvidos nessa situação de interação com a poesia, conforme nos indica Cosson (2006) e Giroto e Souza (2010).

Desse modo, com base na proposta de Cosson (2006) para o trabalho com oficina de leitura, sugerimos que o encontro seja organizado em três etapas, quais sejam:

1. **Motivação:** momento que antecede a leitura do texto, no qual o professor deve propor alguma atividade que estimule a curiosidade dos alunos.
2. **Leitura do texto:** a leitura do poema deve ser realizada pelo professor em voz alta. Em um segundo momento (releitura), os alunos podem ler o poema na íntegra ou reler trechos que lhes chamaram a atenção.

3. Compartilhamento do texto: os alunos compartilham o texto. O mediador deve chamar a atenção para três aspectos aos quais o texto pode estar direcionado: o texto e o leitor; o texto e o outro texto; o texto e o mundo.

É importante destacar que essas etapas propostas se realizam por meio de atividades baseadas nas estratégias de leitura: visualização, inferência e conexão, a fim de que se possa atingir o objetivo de contribuir com a formação de leitores de poesia.

Pois, conforme nos indica Girotto e Souza (2010), o ensino das estratégias contribuem com o processo de formação leitora porque: "as estratégias de leitura permite ao leitor ampliar e modificar os processos mentais de conhecimento, bem como compreender um texto" (GIROTTI; SOUZA, 2010, p. 108).

Nesse sentido, sintetizamos, no quadro abaixo, nossa proposta para a apreciação do poema I do livro Menino, do Mato de Manoel de Barros, em turma da EJA.

MOTIVAÇÃO	LEITURA DO TEXTO	COMPARTILHAMENTO DO TEXTO
(Construção de inferências acerca do texto a ser lido). - Disposição de objetos que simbolizem a infância (imagens de bichos, bola, pião, brinquedo produzido a partir de material reciclável, etc.). - Indagação sobre a simbologia desses brinquedos.	- Leitura em voz alta do poema, realizada pelo professor. - Sugestão: a releitura integral ou parcial pode ser feita espontaneamente pelos alunos. Atenção: o professor pode aproveitar os trechos destacados pelos alunos para trabalhar a estratégia da visualização das imagens presentes no poema. Como,	(Construção de conexões: texto-leitor; texto - texto; texto-mundo). *Texto - leitor: - Indagação sobre a primeira percepção dos alunos ao ouvirem o poema. - Questionamentos: o poema te tocou? Por que? Gostaria de destacar algum verso? O poema reflete experiências pessoais? Gostaria de falar sobre? - Solicitação para que os

	<p>por exemplo: nos versos "Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore", o professor pode sugerir que os alunos fechem os olhos, se preferirem, e digam como essa imagem é recriada mentalmente por eles.</p>	<p>alunos relatem experiências de brincadeiras vividas na infância.</p> <p>*Texto- texto:</p> <p>- Ao ler o poema você lembrou de algum texto ou letra de canção que trate sobre assunto semelhante? Gostaria de compartilhar?</p> <p>*Texto-mundo:</p> <p>- O poema se refere a uma realidade presente no mundo? Que realidade é essa? A descoberta da linguagem oral pelas crianças? A relação das crianças com a natureza?</p>
--	---	---

A proposta sintetizada acima visa contribuir com a formação de leitores por meio da apreciação de poesia, favorecendo a percepção da leitura enquanto processo, que pode ser facilitado por meio do uso adequado das estratégias de leitura, as quais levam em consideração o conhecimento prévio do aluno, valorizando as experiências pessoais dos sujeitos envolvidos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação entre os temas: infância, natureza e metalinguagem, no poema I, do livro *Menino do mato*, nos possibilita a reflexão em torno da condição da poesia lírica e de sua relação ética com o meio e com o homem. Relação ética porque busca mediar os sentimentos humanos por meio da recordação, levando-nos a consciência



profunda de nossa condição humana, de seres ligados com a natureza e, portanto, pertencentes a ela.

No entanto, ao construir o poema utilizando-se de verbos no pretérito imperfeito, o poeta nos revela ser aquela experiência algo do passado, de um passado que não está mais vivo, mas que se presentifica por meio da recordação.

Desse modo, a recordação, ao levar à tona uma vivência poética positiva, põe em questão, embora que subjetivamente, as relações e as experiências vividas no hoje.

A comparação entre a demorada, silenciosa e despreocupada observação estética da natureza, vivenciada pelo eu lírico, com a forma automática com que ligamos e desligamos nossos aparelhos de comunicação em massa, é uma fórmula capaz de demonstrar a fragilidade de nossas relações com o outro.

Portanto, a conclusão a que se pode chegar, acordando com o que nos apresenta Jakobson (1978) é que: “a poesia que nos protege contra a automatização, contra a ferrugem que ameaça a nossa fórmula do amor e do ódio, da revolta e da reconciliação, da fé e da negação.” (JAKOBSON, 1978, p. 177).

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. 34 ed. São Paulo: Duas cidades, 2002.p.77-92.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In. CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo; Duas Cidades, 1995, p. 169-191.
- BARROS, M. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda). 2 ed. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1992.
- BOSI, A. (Org.). *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COHEN, J. *Estrutura da linguagem poética*. Trad. Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.
- COSSON, H. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GOLDSTAIN, N. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, R.J.[*et al...*]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.p. 45-114.

STAIGER, E. *Estilo lírico: a recordação*. In: \_\_\_\_\_. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste A. Geleão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

JAKOBSON, R. O. O que é a poesia? In: TOLEDO, Dionísio (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Trad. Zênia de Faria, Reasylyvia Toledo e Dionísio Toledo. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 167-180.

#### Site pesquisado:

Manoel de Barros Biografia. Disponível em: <[http://www.releituras.com/manoeldebarros\\_bio.asp](http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp)>. Acesso: 31/03/2015.

Manoel de Barros. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel\\_de\\_Barros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_de_Barros)>. Acesso: 31/03/2015.

ADLER, K.; CEZAR, P.; PAES, M. *Só dez por cento é mentira*. [Filme-vídeo]. Produção de Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcio Paes, direção de Pedro Cezar. Brasil, Artesanato Eletrônico, 2008. DVD, 82 min, collar, son. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso: 05/082013.